

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO *CORPUS* APERJ

Silvia Figueiredo Brandão
UFRJ

Para servir de base às considerações sobre estratégias argumentativas em dialetos rurais, selecionou-se um trecho da entrevista realizada com um pescador de 58 anos, natural de Cambuci, na região Norte fluminense e que integra o Arquivo Sonoro do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro. Antes, porém, de se proceder à sua análise, faz-se necessário mencionar algumas das diretrizes que nortearam a constituição do *corpus* do Projeto, de modo que se possam aquilatar os tipos discursivos nele representados.

As entrevistas foram realizadas com o apoio de um Guia Questionário, formulado com o objetivo principal de propiciar a recolha da linguagem específica da pesca para a elaboração de cartas lingüísticas. Teve-se a preocupação de que se instaurasse entre documentador e informante um diálogo o mais espontâneo possível, de modo que não se obtivessem lexias isoladas, mas se registrassem, também, variações nos planos morfossintático e discursivo. Tanto é assim que, no momento, no âmbito do Projeto, estão em andamento estudos, na linha variacionista, sobre a concordância verbal e nominal, sobre os pronomes *nós* e *a gente*, sobre a colocação dos possessivos, além dos de cunho estritamente fonético-fonológico e lexicológico-lexicográfico.

Em função dos mencionados objetivos, o *corpus* do APERJ apresenta elocuições informais que têm como tema a atividade profissional e a vida cotidiana de pescadores artesanais (analfabetos ou semi-alfabetizados) e em que predominam os gêneros descritivo e narrativo,

os mais adequados ao desvelamento do universo bio-social das comunidades em estudo.

No entanto, como afirma Koch (1987: 19), "*a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade*". Desse ponto de vista, qualquer ato de fala representaria um comprometimento do indivíduo não apenas consigo mesmo – com sua ideologia e, por extensão, com a ideologia do grupo social a que pertence –, mas também com seu interlocutor, ao qual se deve adaptar lingüisticamente, caso queira fazê-lo partilhar de seu mundo, de suas idéias, de suas opiniões.

Assim, neste estudo e nos que ao meu se seguirão, emprega-se o termo argumentação em seu sentido pragmático, que engloba as relações entre os enunciados e a enunciação, a situação discursiva, o processo de interação e o ambiente bio- sociocultural.

Parte-se da hipótese de que a capacidade argumentativa é inerente a todos os indivíduos, fazendo parte da competência do falante. Regras argumentativas se atualizariam diferentemente – ou, em outras palavras, se superficializariam em estruturas diferenciadas –, dependendo da maior ou menor exposição do indivíduo às redes de convívio social. Parte-se, ainda, da hipótese de que, se existe um código restrito – em termos léxicos –, este não impediria a formulação de um discurso elaborado – coerente e coeso – segundo padrões retóricos definidos, capazes de cumprir as finalidades de persuasão, características do ato de argumentar.

Para testar tais hipóteses – fundamentadas, empiricamente, no contato diário com os textos orais que constituem o *corpus* do Projeto APERJ – recorreu-se à fala de um informante que, embora semi-alfabetizado, jamais frequentou uma escola.

Da entrevista selecionada participaram, além do Informante (L), dois documentadores: uma das pesquisadoras integrantes do Projeto (D1) e um bolsista de Iniciação Científica (D2), como observador e, por vezes, também como interveniente.

O trecho analisado é a seguir transcrito grafematicamente:

#D1

então como é que eu sei quem é o mestre numa pescaria? como é que eu sei quem é o mestre numa pescaria se todo mundo faz a mesma coisa?

#L

1 não mas aí ... todo mundo aprende ...isso é uma coisa relativa...

2 todo mundo aprende ... a senhora estudando é impossível não

3 aprender a ler mas ... a senhora agora me explica uma coisa

...

4 e como também ... certo? que a pessoa pode se formar professor?

5 sem a professora educar ele? é a mesma coisa ... não tem aula?

6 as criança não traz nota na cadernetinha pra (lá) ?

#D1

então

#L

7 e não sai já um ... um professor formado?

#D1

então é a sabedoria ... { que faz a diferença

#L

8 { a mesma coisa é a pessoa trabalhar

#L

9 a mesma coisa é a pessoa trabalhar ... você vai trabalhando

10 comigo ... você vê eu fazer uma rede vê como é que eu amarro um

11 nó você vê como é que arma uma rede você vê como é que rema vai

12 aprendendo agora comigo ... daqui uns dia quando eu não quiser

13 trabalhar eu boto você no meu lugar que eu sei que você sabe

14 fazer o que eu sei

#D1

é mais ou menos o que eu estou fazendo com ele assim ... eu estou deixando o garoto...

#L

15 é... mas é o tal negócio ué

#D1

estou mostrando a ele ...

#L

16 eu nesse mundo não tem nada de um bocadinho que eu não sei mexer

- 17 ...rapaz eu trabalho de pedreiro... eu já trabalhei de () ...
 18 eu roço pasto eu planto arroz ... agora não ... tudo na vida eu
 19 já fiz só a única coisa que eu tenho certeza ... tenho minha
 20 consciência com Deus não lançar minha mão naquilo que é
 dos outros
 21 que eu sempre fiz por donde ... ter aquilo que são os meus
 22 desejo da minha vida ... mas não sei de mão (avançar) no que
 é
 23 do outro
 D2
 hum hum
 #L
 24 Deus não gosta disso ... tudo meu vai pra frente ... eu penso
 uma
 25 coisa hoje... Deus me dá o caminho... amanhã eu consigo ...

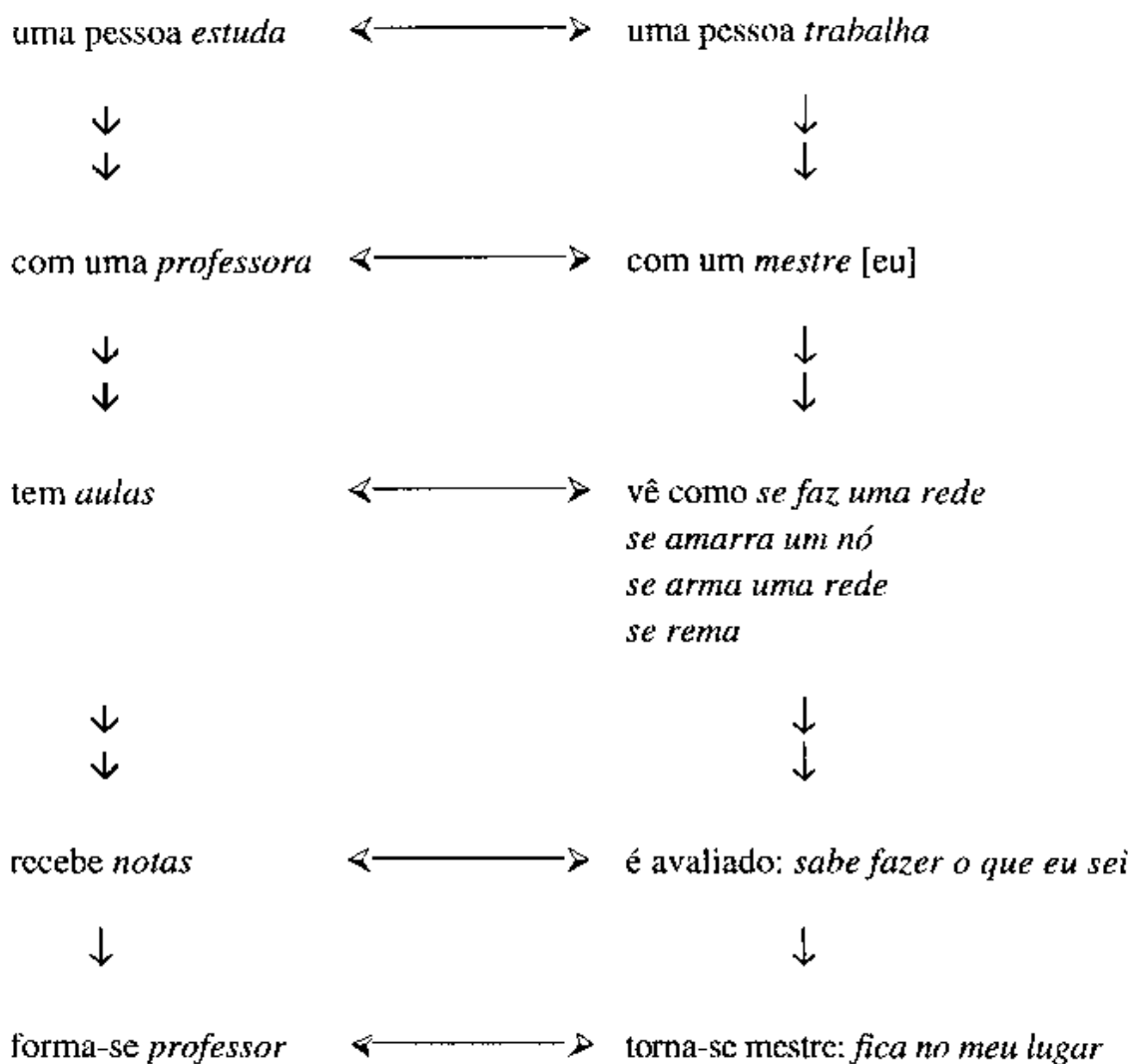
Com a pergunta que deu origem ao texto em análise, a documentadora buscava depreender as características das atividades exercidas pelo mestre durante uma pescaria, uma vez que tanto para esta função quanto para as de proeiro e popeiro haviam sido indicadas as mesmas tarefas.

O pescador – para quem ser mestre consistiria em atingir determinado grau de experiência ou, em outros termos, passar por um processo de aprendizagem –, como estratégia de esclarecimento, argumenta valendo-se de uma comparação. Tal escolha indica que estava atento ao jogo dialógico que se havia instaurado desde o início da entrevista: um dos pólos da comparação é o processo que leva à formação de um professor; o outro, o processo que leva à formação de um mestre de pescaria.

Desse modo, equilibram-se os papéis dos interlocutores, nivelam-se possíveis diferenças socioculturais, passando, inclusive, o informante a monopolizar o ato conversacional: sobrepõe sua fala à da documentadora (l. 8), interrompe-a (l. 9) e introduz a nova unidade temática condutora de seu discurso (l. 16).

O jogo – por motivos óbvios – é aceito pela documentadora (D1), que se restringe a reforçar o recurso retórico de que lançou mão o pescador, aderindo à ideia de semelhança entre seus fazeres: *é mais ou menos o que eu estou fazendo com ele [o bolsista] assim... eu estou deixando o garoto... e, mais adiante, estou mostrando a ele...*

Para introduzir a comparação, o informante parte de um pressuposto *todo mundo aprende*, logo reiterado por outro mais específico *a senhora estudando é impossível não aprender a ler*, indicando, por meio de perguntas retóricas, as condições para que uma pessoa se torne professor. Em turno seguinte, apresenta a segunda parte da comparação: as condições para que um indivíduo se torne mestre no âmbito da pescaria. Esses dois momentos – visualizados de forma esquemática – demonstram a coerência do discurso do pescador:



A primeira unidade temática do diálogo – a que focaliza a figura do *mestre* – segue um padrão sintático em que se evita a conexão formal, isto é, estabelecida por meio de conectores, quer de valor comparativo, quer de valor condicional, a subordinação estabelecendo-se, sobretudo, por meio da seleção de itens lexicais. De um lado, os verbos

aprender, estudar, ler, explicar, formar, educar e os substantivos *professor, aula, professora, nota, cadernetinha*; de outro, os verbos *trabalhar, fazer, amarrar, armar, remar* e os substantivos *rede, nó*. Esses itens lexicais pertencem a campos semânticos, a princípio, antagônicos. O primeiro grupo distingue-se do segundo, respectivamente, pelos traços [+ intelectual]/[- intelectual], mas eles acabam por identificar-se, neutralizados na situação lingüístico-discursiva.

Nos turnos que constituem essa primeira unidade temática (l. 1 – 15), os verbos encontram-se no presente do indicativo (à exceção de *quiser*) – o tempo zero, neutro em termos cronológicos –, próprio do comentário e da argumentação, e, ainda, nas formas nominais – os semitempos, na conceituação de Weinrich (Apud Koch, 1987). A "acronia", a "indefinitude" parecem reiteradas pelos sintagmas *todo mundo, a pessoa*, no primeiro turno, e *pessoa, você, eu*, no segundo, que, sintaticamente exercendo a função de sujeito, fazem-no genericamente, num processo de indeterminação não canônico. Inclusive do genérico de cunho coletivo – *todo mundo, a pessoa* – passa-se ao de cunho individual – *a senhora, você, eu* – estas três últimas formas nada mais sendo que uma estratégia para se comprometerem falante e ouvinte em torno das mesmas idéias, representarem-se situações concretas para ambos, mais um recurso retórico do locutor, que quer envolver o interlocutor em seu mundo, de certo modo esvaziando os três pronomes de seus referentes básicos.

Tal situação contrasta com a que se instaura na segunda parte do diálogo (l.16-25), em que o *eu* – imediatamente topicalizado – tem um referente explícito: aquele determinado pescador (CAM096C), que fala de suas experiências profissionais e de sua personalidade – a segunda unidade temática do texto, por imposição sua.

Aqui, o informante assume seu eu concreto, seu mundo – o mundo do trabalho –, retomando itens lexicais presentes no segundo pólo da comparação – *trabalhei, trabalho* – e acrescentando outros que se inserem no mesmo campo de significação – *roçar, plantar, mexer, fazer*, entre os verbos, e *pasto, pedreiro, arroz*, entre os substantivos. Isto serve de preparação para que revele seu eu interior, sua personalidade – observações sobre sua honestidade e filosofia de vida (l. 19-25) – já com certo grau de abstração, o que é introduzido por *só uma coisa eu tenho certeza*, cujo sintagma topicalizado – *uma coisa* – vai ser desdobrado nas frases seguintes. Introduzem-se expressões de

cunho abstrato, tudo arrematado pelo último turno em que, por metáforas (o que não deixa de ser uma comparação, embora condensada), afirma estar sob a proteção de Deus: *tudo meu vai pra frente... eu penso uma coisa hoje... Deus me dá o caminho... amanhã eu consigo*. Note-se que os advérbios *hoje* e *amanhã*, entremeados pelo substantivo *caminho* não têm como referentes, respectivamente, "este dia"/"o próximo dia", mas indicam fases de "temporalidade não cronológica", o que é reiterado pelos verbos no presente do indicativo: *penso, dá, consigo*.

Observe-se, ainda, que essa unidade temática apresenta verbos no pretérito perfeito – *trabalhei, fiz* – que alternam, entre as linhas 16 e 19, com o presente do indicativo, pois a perspectiva do pescador passou a ser a de um narrador que enumera fases de sua vida profissional. É o advérbio "agora" (com o sentido de "no momento presente e nos últimos tempos") que propicia a passagem do plano concreto para o abstrato, encerrando sua mininarração. Deve-se, inclusive, comparar o emprego de "agora", no turno em pauta, com o da linha 3, que funciona como um operador argumentativo, a exemplo de *mas aí*, na linha 1. Por outro lado, a baixa produtividade de operadores discursivos (01 ocorrência: *certo*, na linha 4), que funcionam como recursos fáticos, talvez se explique pelo fato de a interação locutor/documentador já se ter estabelecido *a priori*, por meio da comparação já comentada.

Como síntese da análise apresentada e, ao mesmo tempo, como sugestão para que, na caracterização dos gêneros discursivos, nas diferentes variedades e modalidades da língua, se levem em conta dados quantitativos, comenta-se o comportamento das cinco variáveis mencionadas no primeiro estudo e que dizem respeito à microestrutura do enunciado.

O texto que constitui a fala do pescador compõe-se de 57 orações, 35 distribuídas pela primeira unidade temática, 22 pela segunda. Pela tabela 01, observa-se ser significativo o índice de orações absolutas, tanto na primeira parte (31,5%), quanto na segunda (45,5%). Embora as subordinadas sejam mais numerosas, neste grupo, sobressaem, no cômputo geral, as não introduzidas por conectores (28,1%). Só há duas ocorrências de adverbiais contra 16 de substantivas e 04 de adjetivas. Pode-se dizer que a estruturação sintática mantém o mesmo padrão ao longo de todo o texto.

		Absoluta	Principal	Subordinadas				Adj	
				Subst		Adv			
				cc	sc	cc	sc		
1ª. unidade temática (l. 1-15)	Nº.	11	09	01	10	02	01	01	35
	%	31.5	25.7	2.8	28.5	5.7	2.9	2.9	
2ª. unidade temática (l. 16-25)	Nº.	10	04	—	05	—	—	03	22
	%	45.5	18.2	0	22.7	0	0	13.6	
Totais Gerais	Nº.	21	13	01	15	02	01	04	57
	%	36.8	22.8	1.8	26.3	3.5	1.8	7	

Tabela 1 – Estrutura frasal
cc = com conector / sc = sem conector

Por meio da tabela 2, verifica-se que, embora os percentuais referentes à dicotomia sujeito não genérico (graus 0 e 1) – 50,8% – e sujeito genérico (graus 3, 4 e 5) – 49,2% – se diferenciem por apenas 1,6%,

a) o maior índice de indicação genérica do sujeito concentra-se na primeira unidade temática (77,1%), com predomínio dos graus 3 (42,8%) e 4 (28,5%);

b) a segunda unidade temática se caracteriza por alto grau de referencialidade do sujeito (95,4%), com destaque para o grau 0 (68,2%),

o que retrata a própria composição do discurso, primeiro centrado na definição de mestre, depois na figura do pescador locutor.

		Graus de definitude do Sujeito						
		0	1	2	3	4	5	
1ª. unidade temática (l. 1-15)	Nº.	01	07	—	15	10	02	35
	%	2.9	20	0	42.8	28.5	5.8	
2ª. unidade temática (l. 16-25)	Nº.	15	06	—	—	—	01	22
	%	68.2	27.2	0	0	0	4.6	
Totais gerais	Nº.	16	13	—	15	10	03	57
	%	28	22.8	0	26.3	17.6	5.3	

Tabela 2

A tabela 3 demonstra que o texto se inscreve no gênero argumentativo, por apresentar a maior parte dos verbos no tempo 0 (presente do indicativo) – 72% – e no infinitivo – 19,3% –, um dos chamados semi-tempos.

		Pres. Ind.	Pret. Perf.	Fut. Subj.	Inf.	Ger.	
1ª. unidade temática (l. 1-15)	Nº.	26	—	01	07	01	35
	%	74.2	0	2.9	20	2.9	
2ª. unidade temática (l. 16-25)	Nº.	15	03	—	04	—	22
	%	68.2	13.6	0	18.2	0	
Totais Gerais	Nº.	41	03	01	11	01	57
	%	72	5.3	1.7	19.3	1.7	

Tabela 3 – Formas verbais

Quanto ao grau de concretude do vocabulário (tabela 4), verifica-se que a tendência é a de utilizar substantivos concretos (89%), não importando se o tema é mais genérico ou mais específico. Ocorrem apenas quatro abstratos, todos na segunda unidade temática, quando o locutor fala de sua personalidade.

		Subst. Concreto	Subst. Abstrato	
1ª. unidade temática (l. 1-15)	Nº.	17	—	17
	%	100	0	
2ª. unidade temática (l. 16-25)	Nº.	13	04	17
	%	76.4	23.6	
Totais Gerais	Nº.	30	04	34
	%	89	11	

Tabela 4 – Grau de concretude do vocabulário

O fragmento da entrevista do pescador de Cambuci permitiu que se evidenciassem alguns aspectos da modalidade oral do Português do

Brasil e de sua análise que aqui são apresentados à guisa de conclusão e de incentivo a futuras pesquisas.

Os índices de frequência revelaram-se significativos não só para uma melhor compreensão da organização do texto, mas também para a definição da estratégia discursiva utilizada pelo locutor, neste caso a argumentativa. Por outro lado, indicaram que mesmo indivíduos que não passaram por um processo de educação formal estão aptos a construir um discurso coerente e coeso, a despeito de se utilizarem de um número restrito de opções formais.

O uso da língua obedeceria, portanto, a regras ilocucionais que fariam parte da competência do falante, do conhecimento que tem da gramática de sua língua.

Talvez – e isto é mais uma hipótese – devam-se buscar as diferenças de desempenho lingüístico que opõem, por exemplo, falantes urbanos a rurais, cultos a não cultos na maior ou menor complexidade social das comunidades que integram, em seu maior ou menor interesse de integração a novos grupos, na curiosidade em desvendar o mundo que os cerca, nos tipos de experiência de vida a que estão expostos, enfim, no papel que desempenham na sociedade. Entre tais experiências, sem dúvida, estaria o tipo de contato com a modalidade escrita da língua, quer de forma direta, quer indireta (na interação com seus usuários), modalidade essa regulada por normas mais rígidas de concatenação lógico-formal, em virtude não só de seus objetivos, mas, sobretudo, da ausência dos recursos extralingüísticos, entonacionais e prosódicos presentes na situação de comunicação oral.